

(Continuação da 8.ª pag.)

dor de idéias, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Quando se cogitou da fundação da Academia Mineira, seu nome foi alvo de sufrágio brilhante para a integração do sodalício, que se compunha no início de trinta acadêmicos. Jornalista desde os tempos de moço, fundara, em 1893, em Diamantina, *O Aprendiz*, e em 1896, em Ouro Preto, *A Academia*. Sua pena estava constantemente a serviço de todos os jornais do País. Orador elegante, calmo, de frase escoreita, meditada, em períodos majestosos, assegnoreava-se do tema com a facilidade que lhe davam os vastos conhecimentos, acumulados em muitos anos de labor, conhecimentos singularmente retidos por vigoroso poder mnemônico. Em assuntos a respeito de Minas, esgotados ao extremo de minúcias, não se movia em subalternização bairrista ou regionalista, mas pela nobre paixão de servir a seu tempo e ao Estado natal, sem quebra de seu ilimitado amor ao Brasil. Aferrado a rigores de documentarista sério, timbrava em pesquisas *in loco*, e isto o levava a constantes viagens, por vezes penosas, num tempo em que não se falava em rodovia. Sua bibliografia é enorme. Vasta. Vastíssima. Vai para mais de cem volumes, entre opúsculos e tomos, alguns extensos. Em trabalhos de história, etnografia, linguística, geografia e outros setores da atividade mental, há que mencionar *Contos Sertanejos* (ficção), *Memória Histórica do Sêro Frio*, *Efemérides e fatos mineiros*, *As nossas questões internacionais*, *Santa Ifigênia, Minas Gerais na Exposição de St. Louis*, *Serranos Ilustres*, *A idade da pedra no Brasil*, *O Anuário de Minas Gerais (1906-1918)*, *A Terra Mineira*, que é um vasto e completo repositório de indicações históricas, etnográficas, geográficas, etc., relativas a Minas, José Elói Ottoni. Viajou muito, em representação do Brasil pelo exterior. Pertenceu a numerosas instituições culturais, tendo sido agraciado com várias distinções honoríficas. Homem admirável, na extensão e no significado da palavra, figura na galeria dos grandes mineiros e dos grandes brasileiros na posição de realizador de ideais — e que ideais! — dos mais altos e puros conhecidos em Minas e no Brasil.

OSCAR MENDES — Filho de José Mendes da Cruz Guimarães e d. Amélia Olíndina Guimarães, nasceu Oscar Mendes Guimarães em Recife, no bairro S. José, em 25 de julho de 1902. Fez os estudos primários na Escola Faroquial S. José, então dirigida pelo monsenhor Augusto Alvaro da Silva, hoje arcebispo primaz e cardeal da Bahia. O curso de humanidade, fê-lo no Colégio Salesiano, de Recife, estabelecimento em que passou a profes-

sor. Em 1919, iniciou o curso de engenharia, que, por motivo de moléstia, não prosseguiu, para, no ano seguinte, cursar Direito na Faculdade de Direito de Recife, diplomando-se em 1924. Fixando-se em Minas, foi promotor de justiça da comarca do Bonfim, no governo Melo Viana. Nessa comarca, casou-se com d. Maria da Conceição Figueiredo. Em 1932, foi nomeado juiz municipal de Pará de Minas. Transferindo-se para Belo Horizonte, passou, pouco depois, a exercer as funções de auxiliar de gabinete no governo Benedito Valadares. Em 1940, foi nomeado presidente do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, cargo em que se aposentou, depois de mais de treze anos de exercício. Em Belo Horizonte, começou o magistério secundário e superior, lecionando português no curso de formação de oficiais da Força Policial do Esta-



Oscar Mendes

140

do, tendo sido convidado para dirigir o curso de sociologia no Pré-Jurídico da Faculdade de Direito da U.M.G. É professor catedrático e um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de que é vice-diretor, ocupando a cadeira Etnologia e Literatura Brasileira. Foi por alguns anos professor de Literatura Italiana e Estética, na Faculdade de Filosofia, da U.M.G.. Proferiu um curso de Literatura Inglesa da Era Vitoriosa, na sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e numerosas conferências sobre grandes vultos da literatura francesa na Sociedade Franco-Brasileira de Cultura. Foi orador oficial, a convite do governo de Pernambuco, nos festejos comemorativos do Centenário de Joaquim Nabuco. Em pleito disputadíssimo, foi eleito membro da Academia Mineira, em 1952. Sua atividade no jornalismo vem desde a infância: redigiu o jornalzinho "A Voz das Crianças", no curso primário, e "O Colegial", no curso secundário. Em Belo Horizonte, com a fundação da "Folha de Minas", prosseguiu o rodapé de crítica literária, que havia iniciado em 1929 no "Estado de Minas". Em 1935, foi convidado pelo arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antonio dos Santos Cabral, para redator-chefe do jornal católico "O Diário", de que foi também diretor durante vários anos. Transferiu para o referido jornal o referido rodapé de crítica literária, dirigindo ainda a secção "No Mundo dos Livros". Colabora no suplemento literário de "A Gazeta", de S. Paulo, na revista paulista "Planalto", na revista católica "A Ordem", do Rio e escreve a secção "Livros portugueses e estrangeiros", na "Revista Brasileira", da Academia Brasileira de Letras. Mantém assídua colaboração na "Folha de Minas", no DIÁRIO DE MINAS, em "O Diário", no suplemento literário da "Folha de Manhã", de S. Paulo e do "Diário de Pernambuco". É sócio correspondente do Instituto Histórico e da Academia de Letras, do Ceará, em cuja Universidade proferiu conferências, em 1956. Autor de vários livros, trasladou para o vernáculo numerosos autores estrangeiros, em trabalhos que ultrapassam a cinco dezenas. Publicou: Quem foi Pedro II (1930) A alma dos Livros, ensaios de crítica (1932); Papini, Piramêdo e outros, ensaios de crítica (1941); Alguns escritores católicos ingleses (1947); Baudelaire, o Cristão Solitário (1952); Joaquim Nabuco (1953); Nabuco, Mauriac, Baudelaire (1955). Tem em preparo os seguintes trabalhos: Nem graves, nem fúteis (crônicas literárias); Dez anos de romance (ensaios de crítica); So-

pram os ventos em Gondal (biografia de Emily Brontë); Capitú e outras mulheres (ensaios literários) e José de Alencar, uma vida e uma obra (biografia). Como tradutor, expôs, como foi acentuado, deu à publicidade mais de cinquenta livros. Nesse labor, começado em 1932, ninguém, ao que parece, lhe levou a palma. Pela sua pena, alguns autores estrangeiros de fama universal, tornaram-se populares no Brasil. Entre muitas traduções notabilizam-se as seguintes: Língua de fogo (de Sax Rohmer); China, Velha China (Pearl Buck); O Médico e o Monstro (de R. L. Stevenson); Morro dos Ventos Uivantes (célebre romance, de Emily Brontë); Santa Helena (Octave Aubry); A Arte de Pensar (de Ernest Dimmet); Desperta e Vive! (de Dorothea Brande); Daphne Adeane (de Maurice Baring); As Maravilhas do Conhecimento Humano (de Henry Thomas); Como era verde o meu vale! (de Richard Llowlynn); O Pensamento Vivo de S. Paulo (de Jacques Maritain); Turenne, Marechal de França (de General Weygand); Poesia e Prosa (de Edgar Allan Poe); A Morte Não Nos Separa (de Daphne du Maurier); Os Santos que Abalarão o Mundo (de René Fulop-Miller); Contos da Antiga Grécia (de Nathael Hawthorne); Angústia e Paz (de Fulton Sheen); A Águia Solitária (de Charles A. Lindgorgh); Quem sou e o que penso (de Bernard Shaw); Contos de Terror (de Conan Doyle); As Águas de Silóé (de Thomas Morton) e Guerra e Paz (de Leon Tolstói). A respeito de Oscar Mendes, pronunciou o acadêmico Cristiano Martins belo discurso, em que ressaltou a figura do jornalista, historiador, sociólogo, mestre de pulso e, acima, de tudo, de crítico literário de rara franqueza e raríssimo dom de exegese. De exegese perspicaz, segura e brilhante. É um dos grandes valores da Academia Mineira, a que vem prestando assinalados serviços, entre os quais o do estudo intensivo da literatura brasileira, em curso que ideou e pôs em execução. Justifica o lema da Casa: Scribendi nullus finis.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)